

# **A STOA PAULINA:** a resignificação de physis no conceito cristão. Uipirangi Franklin da Silva Câmara<sup>1</sup>

Do meu telescópio, eu via Deus caminhar! A maravilhosa disposição e harmonia do universo só pode ter tido origem segundo o plano de um Ser que tudo sabe e tudo pode. Isto fica sendo a minha última e mais elevada descoberta.

Isaac Newton

## Resumo

O presente artigo, a partir duma análise sob o prisma da relação cristianismo-filosofia, procurará entender de que maneira o cristianismo primeiro, na exposição paulina de Romanos 1 e a partir da reconstrução do conceito de physis no estoicismo do primeiro período, fundamentava e constituía a relação corpo-religiosidade-visão de mundo.

Palavras chave:

Teologia, Filosofia, Estoicismo, Sexualidade, Cosmovisão.

## **ABSTRACT**

From a relation of Christianity and philosophy, this article tries to understand on what way the beginning of Christianity fundamentals the relation among body, religiosity and vision of the world, from a reconstruction of the concept of physis in the Stoicism.

**Key words:** Theology, Philosophy, Stoicism, Sexuality, and Cosmo vision.

## **Considerações Iniciais**

A relação da Filosofia com a Teologia é fundamental para entendermos sob que bases se fundam conceitos cristãos, muitos dos quais articulados no cotidiano contemporâneo, sobretudo no campo da ética. Esta comunicação propõe o entendimento pelo Cristianismo de um comportamento adequado no campo da sexualidade a partir da reconstrução do conceito de physis no estoicismo do primeiro período, apresentada pelo apóstolo Paulo na Carta aos Romanos.

Pretendo, pois, a partir duma análise sob o prisma da relação cristianismo-filosofia, entender de que maneira o cristianismo primeiro fundamentava e constituía a relação corpo-religiosidade-visão de mundo.

---

<sup>1</sup> Professor da FTBP e doutorando em Ciências da Religião pela UMESP (artigo publicado originalmente na Revista Via Teológica-ISSN 1676-0131).

O texto a partir do qual levantaremos a relação proposta, na versão da Bíblia de Jerusalém, é o seguinte:

18. Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto céu, contra toda impiedade e injustiça dos homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça; 19. Porque o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho revelou; 20. Sua realidade invisível – seu eterno poder e sua divindade – tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpa; 21. Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário eles se perderam em vãos arrazoados e seu coração insensato ficou nas trevas; 22. Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos e 23. Trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis; 24. Por isso Deus os entregou, segundo o desejo dos seus corações, à impureza em que eles mesmos desonram seus corpos; 25. Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram a criatura em lugar do criador, que é bendito pelos séculos. Amém; 26. Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; 27. Igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas com homens e recebendo em si mesmos a paga de sua aberração.

### **Sexualidade e Culto: O problema do “incorreto”**

O apóstolo Paulo não havia estado em Roma anteriormente, não conhecia detalhes da igreja quanto a sua situação geral a não ser, parece, numa questão entre os cristãos judeus e o não judeus, mas cristãos. Então, por que ele escreve justamente sobre justiça, ira de Deus, depravação, etc?

Parece-me que algum detalhe sobre sua epístola aos Romanos se perdeu, ou pelo menos ainda continua de alguma maneira, obscuro. Essa idéia é confirmada em Atos 28.21, quando Paulo convida os judeus para dar uma explicação o seu respeito supondo que notícias suas já tinham chegado em Roma.

O texto apresenta uma estrutura, semelhante ao paralelismo, em que algumas expressões podem nos sugerir uma possibilidade de aproximação, dentre as quais sublinhamos: *desonra imundícia paixões infames, inflamaram; torpeza; sensualidade; sentimento depravado; uso contrário e uso natural.*

A estrutura aproxima e contrasta:

- Ira de Deus com impiedade e injustiça;
- Conhecimento e manifestação;
- Atributos invisíveis que são vistos claramente;
- Glorificação correta e culto incorreto;
- Acerto e castigo;
- Sabedoria e loucura;
- Mortal e imortal;
- Homem e animal.

Nessa composição textual alguns termos gregos são colocados em destaque, ligam e dão sentido a idéia que Paulo tem em mente:

**(dikaiosune)** “dikaiosune” (Justiça): posição justa dada por Deus; O caráter justo que pertence a Deus; a atividade justa que procede de Deus; a justiça pessoal de Deus, e a justificação que ele concede aos pecadores, declarando-os e aceitando-os como justos;

**(gevgraptai)** “gegraptai” (perfeito passivo) Caráter permanente e autoritativo daquilo que foi escrito;

**(ajdikivan):** “adikian”: Injustiça praticada contra os homens;

**(ajlhvqeia)** “alethéia” (verdade): O conhecimento de Deus conforme comunicado à consciência humana;

**(parevdwken)** “parendoken” (entregou): É usada aqui no sentido não habitual de entregar a alguma coisa que não um tribunal de justiça humana. Talvez isso já fosse um julgamento.

Por que não há justiça na *póleis* Romana? O que ouve com o ideal de *arete*, com a *isonomia*. Por que a *nómos* observada apresenta-se incompleta e ineficaz para ajustar os relacionamentos e a convivência humana? O que é verdade e mentira?

Num olhar de relance é possível observar que Paulo compreende um mundo ordenado, com leis claras ou pelo menos inteligíveis, que devem e podem ser compreendidas. A relação dessas leis para a humanidade pode ser entendida na figura de retribuição, sábia decisão: boa recompensa. Decisão errada: castigo.

No texto aos Romanos, o apóstolo Paulo coloca em destaque *physis* tanto como norma padrão para a conduta como também como referencial para apontar o que considera como desvios. A pergunta que nos fazemos é de que maneira Paulo pode compreender *physis* e qual a relação que apresenta quando fazemos um recorte à corporeidade e imagética?

A maioria das ocorrências de *physis* no NT se acha em Paulo, mais especificamente em Romanos (sete vezes). *Physis* é um conceito tipicamente grego e, em especial, estóico. Foi adotado pelo judaísmo helenístico e, assim, também achou lugar no pensamento cristão. Indica a idéia que todos têm em comum, e é nesse sentido que o uso lingüístico estóico é especialmente marcante.<sup>2</sup> Em Filo, *physis*, não é a origem ou o poder criador, mas um agente da atividade divina. A *physis* ensina a divisão do tempo em dia e noite, em despertar e dormir. Dá ao homem a fala e também as relações sexuais.<sup>3</sup> Segundo ele, há uma lei regular na natureza. A lei é *orthos physeos logos* (a verdadeira palavra da natureza) porque a lei segue a natureza, seus preceitos estão de acordo com a natureza. As pessoas devem seguir a natureza e os desenvolvimentos dela. A natureza ratifica a lei e é sobre esse alicerce único que o mundo é edificado.

Concordando com a possibilidade de que Paulo não tenha outra preocupação primária como, por exemplo, ter que resolver conflitos entre cristãos judeus e cristãos gentios, ou apresentar um compêndio teológico de forma sistemática das doutrinas cristãs, fica-nos a impressão de que o assunto introduzido por Paulo no texto que estamos analisando, precisa pressupor outro pano de fundo. Há algum detalhe que precisamos entender na discussão

---

<sup>2</sup> NDITNT, vol.3, p.260.

<sup>3</sup> Ibid.p.257, vol3.

desse tema. A questão é: que detalhe é esse? <sup>4</sup> Davies, mesmo com um caráter extremamente dogmático, reconhece ser a personalidade de Paulo muito complexa e admite a influência recebida por ele tanto do cristianismo helenístico, quanto do judaísmo helenista de quem é herdeiro. Para ele, não dá para entender Paulo, deixando de lado sua abertura, entre outras, às influências de Atenas, do mundo helenístico, do judaísmo e de Roma. <sup>5</sup>

Estrabão, em sua Geografia, nos diz o seguinte sobre Tarso, cidade natal de Paulo:

Os habitantes de tarso são tão apaixonados pela filosofia, têm uma formação tão enciclopédica, que sua cidade acabou por eclipsar Atenas, Alexandria e todas as outras cidades conhecidas como estas por terem dado origem a alguma seita ou escola filosófica... Como Alexandria, Tarso tem escolas para todos os ramos das artes liberais. Acrescentai a isso o número elevado de sua população e a sua hegemonia sobre as cidades vizinhas e compreenderéis que ela pode reivindicar o nome e a posição de metrópole da Cilícia. <sup>6</sup>

Em parte as influências gregas (helenísticas), principalmente das escolas filosóficas, podem explicar o pano de fundo para sustentação do paradigma estóico de uma lei moral explicitada na natureza (*physis*), agora fica a questão do questionamento sobre as relações sexuais contrárias a natureza em suspenso. O que tem a ver a questão da possível referência à homossexualidade dentro desse contexto? Cothenet nos dá uma pista interessante quando trata do duplo nome Saulo-Paulo. Segundo ele, o nome Saulo<sup>7</sup> soava mal para os gregos, o adjetivo *saulos* era aplicado àqueles que tinham um comportamento efeminado. Então nas relações com o mundo greco-romano era importante que o nome de Paulo fosse adotado. <sup>8</sup> De qualquer maneira, tentar caminhar por um argumento que se sustente apenas na questão etimológica ou semântica não me parece apropriado, a não ser que corroborado por outras circunstâncias.

O ponto que se deve focalizar no momento penso eu, é a relação profundamente entremeada entre as culturas gregas e judaicas: “Por sua origem e formação, Paulo pertence a dois mundos culturais. Ele não renegou a nenhum dos dois, mas fecundou uma cultura com a outra.” <sup>9</sup> Para Schreiner e Dautzenger é fundamental para compreensão da mensagem e teologia do apóstolo Paulo levar em conta sua evolução interior e, a terra onde nasceu, sobretudo pela influência estóico-cínica. <sup>10</sup>

A comunidade judaica da diáspora, porquanto mantivesse relações com a da palestina, seguramente não possuía um contraste acentuado de relacionamento negativo com os não judeus. Também não é possível acentuar

---

<sup>4</sup> Numa análise crítica sobre os livros narrativos, mais especificamente os sinóticos, suspeita-se que não havia um interesse prioritário de expor uma biografia de Jesus. Uma série de modificações de caráter dogmático, apologético e também de assimilação de material estranho teria substituído o material da tradição mais antigo. KÜMMEL, p.52.

<sup>5</sup> DAVIES, W.D. *Aproximacion al nuevo testamento*. Madrid: Ed. Crisandades: 1979 p.218.

<sup>6</sup> Citado em COTHENET, E. *São Paulo e o seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1984, p.9.

<sup>7</sup> Sau' loz: *delicado, leviano, efeminado, vacilante* cf. ISIDRO, P.S.J. *Dicionário grego-português e português-grego*. 4ª. Ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1969.

<sup>8</sup> Op.Cit., p.8,9.

<sup>9</sup> Ibidem., p.103.

<sup>10</sup> SCHREINER, J & DAUTZENGERG, G. *Forma e exigências do novo testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977, p.67.

uma proximidade bem clara com o judaísmo praticado em Israel e aquele praticado nas regiões da dispersão. Segundo Marcel Simon e André Benoit, fora da Palestina:

Os judeus haviam se habituado a estar com respeito aos pagãos numa relação de igualdade...manifestavam frente aos pagãos uma atitude mais favorável que a de seus irmãos na Palestina. Tampouco podiam evitar totalmente a influência da cultura e do modo de vida greco-romanos... Por outro lado, também se constitui um testemunho da influência das categorias gregas sobre o judaísmo da diáspora; nela teve-se a tendência de eliminar ou atenuar o que pudesse chocar as convicções de um pagão ilustrado, reduzindo-se os antropomorfismos do texto hebraico, espiritualizando a imagem de Deus que apresentavam e traduzindo termos e noções especificamente semíticas em correspondentes tomados da filosofia grega. Dessa maneira uma característica essencial do pensamento judaico foi a de combinar dados da revelação bíblica com os princípios da filosofia pagã.<sup>11</sup>

*Physis* é a lei de Deus (pessoal e acessível) escrita na natureza e acessível a todos os homens, principalmente aos que se dizem sábios.

Não é inadmissível que o apóstolo Paulo<sup>12</sup> tenha preferido uma vertente filosófica para expor seu pensamento, que fosse fruto não apenas de uma estratégia missionária, mas de sua própria estrutura de vida. Os conceitos tratados na epístola aos Romanos não foram elaborados de última hora, frutos de uma leitura rápida de temas da moda. Paulo usa expressões filosóficas rebuscadas e perfeitamente comparáveis com escritos não cristãos dos filósofos estoicos e cínicos, principalmente. Não é pretensão afirmar que o apóstolo Paulo trabalha os conceitos da nova fé a partir dos conceitos que havia esposado como cidadão do mundo, sobretudo influenciado pela cultura helenista.

### **A Lei justa e boa “por Natureza”**

O estoicismo pode ser compreendido<sup>13</sup> a partir de três períodos:

1. Estóicos antigos (séc.3-2 a.C.);
2. Estóicos médios (séc.2 a.C.);
3. Estóicos tardios ou romanos (séc.1 a.C. - séc. 2 a.C.).

Os principais mestres estoicos, divididos nos respectivos períodos são:

- *Estoicismo antigo*: Zenão de Cício (336-246 a.C.); Cleanto de Assos (331-232 a.C.); Crisipo de Soles (277-208); Ariston de Chíos, Hérilo de Cartagena, Dionísio de Heracleota, Perseu de Cício, Esfero do Bósforo;
- *Estoicismo médio*: Panécio de Rodes (185 a.C.); Possidônio de Apaméia (130-51 a.C.);

---

<sup>11</sup> BENOIT, A. & SIMON, M. *El judaísmo y el cristianismo antiguo: de Antíoco Epífanes a Constantino*. Barcelona: Editorial Labor, 1972, p.23.

<sup>12</sup> A perspicácia do Apóstolo Paulo é percebida claramente numa observação quando de sua estada em Atenas, cf. nos relata o livro de Atos (cap.17).

<sup>13</sup> Essa divisão nos ajuda a entender o estoicismo em seu desenvolvimento durante 5 séculos.

- *Estoicismo romano ou tardio*: Lucio Naneu Sêneca, de Córdoba, (8 a.C. a 65 d.C.); Epicteto de Hierápolis( 50-125 d.C.); Marco Aurélio de Roma(121-180 d.C.); Musônio Rufo e Arriano.

A filosofia estóica nos é conhecida pelas obras dos estóicos tardios: Epicteto, Sêneca e Marco Aurélio. Em relação aos fundadores da escola, os estóicos antigos, só nos restam os fragmentos citados por Diógenes Laércio e Estobeu, ou por críticos como Plutarco e Cícero.<sup>14</sup>

O estoicismo foi fundado por Zenão de Citium-ilha de Chipre (336-264). Em Atenas para onde foi ainda jovem, foi discípulo dos cínicos e no início do 3º século fundou uma escola filosófica. O nome estóico é uma referência ao local onde Zenão ensinava: perto do pórtico (stoa) Poecile. Além de Zenão, nesse período de fundação, temos Cleanto (331-232) que compôs o “Hino a Zeus” e Crisipo (280-210) nascido em Tarso, que deu o caráter sistemático à doutrina estóica.<sup>15</sup>

A doutrina estóica é geralmente dividida e, três partes: uma física, uma lógica e uma moral. Na perspectiva filosófica estóica estão interligadas e a física não pode ser concebida separa da moral.

Estudar o estoicismo compreende a necessidade de sua vinculação com reflexões sobre a natureza, a lei e as formas de relação entre elas. A necessidade de um fundamento para a boa lei, para legitimar o cotidiano, os novos tempos, vão levar os estóicos a formularem um cosmos teorizado como harmonia de forças contrárias. A justa medida contemplada na natureza é o que se deve buscar na vida política e particular. Os estóicos vão justificar essa afirmativa ao ler a natureza de forma dogmática. Aos princípios da natureza todos devem se submeter. A natureza é quem determinada o que somos e como agimos:

A natureza estóica é teorizada como divina em sua eterna normatividade, em sua prevista ordenação e força constitutiva dos seres. Sem a presença das divindades míticas, ela é abstrata em sua sacralidade e ampara a universalidade do homem quanto ao uso do *logos*, uma vez que ele é cósmico e pertinente a todos os seres, portanto à própria natureza humana. A *Physis* sustenta a noção de igualdade, e forma, por princípio, o modo de ser e de agir dos seres... todo homem é *lógikos*, pois o natural é *lógikos*. Todo homem pertence ao cosmo, e toda cidade deve ser a expressão do modo de ser cósmico.<sup>16</sup>

O núcleo fundamental no estoicismo pode ser a concepção de que uma lei divina e natural, comum a todos os cidadãos, é o paradigma pelo qual todos os seres humanos têm o seu princípio constitutivo e pelo qual baseiam sua conduta.<sup>17</sup>

Sobre o estoicismo Diógenes Laércio<sup>18</sup> diz o seguinte:

<sup>14</sup> Hans Von Aunim entre 1903 e 1905 reuniu esses fragmentos gregos e latinos numa obra conhecida como *Stoicorum Veterum Fragmenta*.

<sup>15</sup> VERGES, op.cit., p.59.

<sup>16</sup> GAZOLLA, R. *O ofício do filósofo estóico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Loyola, 1999, p.41.

<sup>17</sup> Rachel Gazolla chama esse princípio de *koínos nómos*, Op.Cit.,p.41.

<sup>18</sup> Cf. Diógenes Laércio *in* *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2ª. Ed. Brasília: Editora da UnB:1997, cap.VII.

“... Nossa natureza é parte daquela do todo (*tōu hólou*), por isso o fim se diz viver acompanhando a natureza, isto é, segundo ela mesma e segundo a do todo, nada fazendo que contrarie a lei comum (*hó nómos, hó kóinos*), isto é, a reta razão (*hó órthos logos*) que circula através de todas as coisas... O justo (*tó dikaíon*) é por natureza, e não por convenção, como a lei (*tón nómon*) e a reta razão (*órthon lógon*)... O mundo é governado segundo uma inteligência (*nōun*) e uma providência (*pronoian*)... A inteligência penetra em todas as partes... O todo ordenado (*tón hólou kósmon*) é um vivente animado e racional (*zōon ónta kai émpsychon kai logikón*)... A lei é a rainha de todas as coisas humanas e divinas: é preciso que ela vigie as coisas belas e as torpes e seja cabeça e guia, e com base nisso exista uma norma do justo e do injusto e dos seres sociais por natureza...”.

O estoicismo preenche o vácuo deixado no ideal de *nómos, isonomia, dikaiosune, alethéia*, construídos por idéias filosóficas anteriores e agora eclipsadas com a nova realidade histórica mesclada por guerras, decepções políticas, injustiças, etc.

### Filosofia, Cristianismo e Visão Ética.

A ordem regular da natureza determina a distinção entre os sexos. Fazer da vida aquilo que está de acordo com a natureza é agir conforme a própria natureza. A lei se revela neles como poder que traz sua própria realização, conforme demonstram em suas vidas e ações; seus atos comprovam que a lei da moralidade está operando na vida deles.<sup>19</sup>

Paul Veyne<sup>20</sup> propõe esse mesmo pano de fundo para entendimento da moral da época de Roma do primeiro e segundo séculos. Essa visão extremamente influenciada pelo estoicismo romano ou tardio tem uma profunda influência na visão ética cristã, ou pelo menos partilha do mesmo horizonte. A idéia que precisamos entender é que, essa lei expressa na natureza, não é apenas uma questão de liberdade individual, pelo contrário deve envolver toda a comunidade. Um ideal de perfeição vai recompensar e a imperfeição tem que ser punida: “Enjeitavam ou afogavam as crianças malformadas (nisso não havia raiva, e sem razão), diz Sêneca: É preciso separar o que é bom do que não pode servir para nada.”. A questão dessa relação com o corpo precisa ser questionada. Em que bases, ou por que razões o corpo recebe aprovação ou reprovação, por que punição e recompensa? Paul Veyne se propõe a responder propondo uma pergunta diferente:

Em vez de nos perguntar por que o corpo humano foi considerado com tal inquietação no decorrer da Antiguidade tardia, façamos a pergunta inversa: porque o corpo foi escolhido e apresentado como o lugar recôndito de motivações especificamente sexuais e como centro de estruturas sociais que são apresentadas em termos sexuais, quer dizer, como sendo formado sobretudo de uma energia fatal e especificamente sexual, orientada para o casamento e a gestação? A partir daí podemos nos perguntar por que se admitiu que essa constelação particular de percepções do corpo pesasse tanto sobre os primeiros círculos cristãos. É a intensidade e a particularidade da “carga” de significado que contam, e não o fato indubitável que esse significado frequentemente se exprimia em termos tão negativos.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Ibid., p.259, vol.3

<sup>20</sup> VEYNE, P(Org). *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.23.

<sup>21</sup> Ibid., p.256-257.

É interessante observar que entre os cristãos a sexualidade torna-se o ponto de referência de forte carga simbólica. Essa disposição em controlar a vida sexual dos fiéis e a referência a uma conduta sexual apropriada é uma imagem que lança luzes no sentido de poder observar entre a vida disponível para Deus, para o serviço religioso e a que se opõe, porquanto não se permite regular.

Por fim, esta relação entre Cristianismo e Estoicismo, se aprofundada, poderá levar-nos a confrontar posturas que consideram o pensamento cristão essencialmente mitológico, construído por homens ignorantes, impondo à Filosofia a tarefa de vencer preconceitos e reconstruir de uma forma mais aberta sua relação com a Teologia. Da mesma maneira, constatações como essa impõe, por outro lado, à Teologia a tarefa de exorcizar alguns de seus conceitos sobre a Filosofia.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARCLAY, William. *El nuevo testamento comentado*. Vol. 8. Buenos Aires: La Aurora, 1973.
- BARISH, Rebecca e Louis. *Crenças básicas do judaísmo*. São Paulo: Edigraf, 1967.
- BENOIT, A. & SIMON, M. *El judaísmo y el cristianismo antiguo: de Antíoco Epífanés a Constantino*. Barcelona: Editorial Labor, 1972.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1973.
- BOCK, A. M.B. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 13ª ed.Reform. e ampl.- São Paulo: Saraiva,2002.
- BRUCE, F.F. *Romanos - introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1996.
- CHATELET, François. *História da Filosofia*. Rio de Janeiro, vol. I, Zahar Editores, 1981.
- COMBLIN, J. *Antropologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- Diógenes Laércio. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2ª. Ed. Brasília: Editora da UnB:1997.
- GAZOLLA, R. *O ofício do filósofo estoico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MONDOLFO, Rodolfo. *O homem na cultura antiga - a compreensão do sujeito humano na cultura antiga*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- SCHREINER, J & DAUTZENGERG, G. *Forma e exigências do novo testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- SCHULTZ, Duane e Sydney. *História da psicologia moderna*. 5ª ed. (rev. e amp.) São Paulo: Cultrix, 2002.
- VERGES, A. *História dos filósofos*. André Vergez e Denis Huisman. 5ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1982.
- VEYNE, P(Org). *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.